

Credores impõem 'regras do mercado'

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — Os bancos credores pediram ao Brasil que aceite as regras do mercado", se quiser a ele reintegrar-se, numa indicação de que não querem subsidiá-los, recusam o spread zero, e de que ficariam mais satisfeitos com alguma forma de conversão de dívida em investimento do que com a sua transformação em títulos a longo prazo, com taxas fixas.

Mas o mais importante, segundo os bancos credores, é que "sentimos que o Brasil quer realmente negociar", e o "bom" clima da reunião de ontem, elogiado por todos os negociadores, foi considerado "melhor" o que o que precedem as reuniões com os mexicanos e os filipinos, e um contraste "chocante" com a tensão e frustração que marcaram o longo encontro inicial com os mesmos brasileiros há uma semana, em Washington.

O comitê dos 14 bancos que representa os quase 700 credores internacionais do Brasil não apresentou uma contraproposta, palavra temida e evitada pelos dois lados, mas "princípios" descritos em duas páginas de papel. Isto ocorreu no começo da reunião, no escritório dos advogados Sherman e Sterling, no 33º andar do prédio do Citicorp, em Manhattan, em Nova York, a partir das 10h45 de ontem.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, acompanhado dos assessores Fernão Bracher, Carlos Eduardo de Freitas, Sérgio Amaral (observador da Embaixada brasileira), Antônio de Pádua Seixas, o embaixador Rubens Barbosa e Francisco Baker, porta-voz do ministro Bresser Pereira, chegaram atrasados para o encontro que estava marcado para as 10h da manhã.

Uma fonte dentro da sala de reunião, um dos banqueiros, explicou que nas duas páginas apresentadas por William Rhodes, o presidente do comitê dos bancos, estavam "os princípios que devem orientar a negociação, segundo nosso ponto de vista". O documento começaria analisando as necessidades do Brasil para dois a três anos, porque os banqueiros não aceitaram ainda a idéia de incluir o ano de 89, embora se disponha a verificar se o pedido de US\$ 10,4 bilhões é compatível, quando o balanço de pagamentos está registrando ganhos que podem manter-se daqui para a frente.

"Os bancos deixaram claro que a



AFP

Milliet: "Os banqueiros se queixam com uma certa razão"

única forma de o Brasil retornar ao mercado financeiro internacional é a de aceitar as regras desse mesmo mercado, e nada pedir que o violento, como por exemplo, o spread (taxa de risco) zero" — disse a fonte. Para os bancos, assim, o caminho de negociação apontaria mais na direção convencional do que na "imaginativa, criativa," receitada pelo ministro Bresser Pereira.

Os banqueiros, ainda de acordo com a mesma fonte, "aceitam o car-

dápio". Eles estariam insistindo muito num programa de conversão da dívida em investimento, que, se tornado atraente pelo governo brasileiro, "poderá reduzir a dívida do Brasil". Mas ela insiste em lembrar que "os bancos assumem riscos maiores do que têm agora, transformando parte da dívida em investimento, pois ele oscilará segundo as condições do Brasil".

Outra fonte de dentro do comitê de bancos credores ressaltou que o

que mais o anima é o reinício das negociações, após sete meses de moratória. "O clima da reunião de hoje (ontem) foi muito animador. Os brasileiros estão dispostos a negociar. Acho que temos espaço para isso. Seria bom que o Brasil aceitasse as regras do mercado, ou seja: a distribuição dos encargos entre bancos comerciais e agências multilaterais, o fato de que os bancos querem ter algum lucro, que spread zero é impossível, e que se pode pensar em 20 anos de amortização." Este banqueiro ainda desmentiu os rumores de uma crise nas linhas de curto prazo interbancárias e comerciais, dizendo que "elas estão estáveis", mantendo-se entre 14 e 14,5 bilhões de dólares.

Ao final de cinco horas de reunião, o assessor de imprensa Francisco Baker convidou os repórteres brasileiros, até então sentados no chão do prédio do Citicorp, para que subissem ao 59º andar, numa agência do Banespa, para que ouvissem o presidente do Banco Central, Fernando Milliet. A vista da sala da entrevista coletiva prendia a atenção: abaixo, e perdendo-se no horizonte de um dia claro, a cidade de Nova York.

Milliet começou evitando falar também de contraproposta, mas, sim, de princípios gerais que os banqueiros consideram úteis para uma negociação.

"Estes princípios gerais indicam claramente que os bancos querem um equilíbrio na participação dos vários segmentos de credores. Querem uma certa garantia de que o Clube de Paris, de que o Banco Mundial, enfim, de que os segmentos ligados a governos participarão numa porcentagem compatível com a que eles estão participando."

É a volta do problema de aritmética detectado já no plano anterior do ministro Bresser Pereira pelo então presidente do Banco Central americano. O FED, Paul Volcker. Como continuou explicando Fernando Milliet: "Os banqueiros se queixam, com uma certa razão, de que realmente coube a eles um sacrifício maior do que ao setor governamental.

Querem agora ter uma certa garantia de que não correm estes riscos".

Os banqueiros querem ter, também, acrescentou Milliet "um razoável conhecimento dos programas econômicos com os quais nós pretendemos conduzir a economia brasileira.

Eles gostariam de chegar a detalhes. Não disseram quais exatamente, mas eu imagino que sejam sobre a política cambial e a atitude do Brasil com relação ao comércio exterior".